

UMA REVOLUÇÃO PACÍFICA

Raul Pilla

ADMITAMOS que fôsse aceita a fórmula por nós preconizada — a imediata adoção, por entendimento geral, do sistema parlamentar de governo. Teria conseqüências profundas esta reforma, que alguns consideram superficial?

O simples fato de vir a adotar-se, revelaria uma grande mudança de mentalidade no mundo político brasileiro, significaria a tomada de consciência do perigo e o desejo de esconjurá-lo. Quando não tivesse virtudes próprias, apresentaria ao menos o valor de um sintoma favorável, denotaria uma acentuada capacidade de reação e por tal deveria ser acolhida e encorajada.

Mas os homens que dirigem a vida pública — objeta-se — seriam os mesmos e os mesmos seriam os partidos: nada mudaria se não superficialmente. Ainda aqui, enganam-se os críticos. Por certo, teríamos, a princípio, os mesmos homens e os mesmos partidos, mas postos a agir e reagir num sistema diferente. Esta seria a grande transformação, cuja importância nem todos percebem facilmente.

Eu poderia fazer uma longa dissertação para a demonstrar. Lembraria que os mesmos homens procedem diferentemente, conforme estejam ou não sujeitos a responder efetivamente por seus atos. Diria que uma das mais importantes funções dos sistemas políticos é prover os cargos de governo e que, a tal respeito, fundamentalmente diferente entre si são os processos do presidencialismo e os do parlamentarismo. Sendo assim, embora com os mesmos homens e os mesmos partidos, necessariamente diferentes seriam os resultados da ação política.

Valendo-me, porém, de minha já longa experiência, limitar-me-ei a bosquejar o que sucederia na organização do governo, se adotado fôsse o sistema parlamentar. O Congresso poderia ser o mesmo, os mesmos seriam os partidos, o mesmo seria também o presidente da República, mas todos se comportariam diferentemente, porque postos em condições diferentes.

Em todos os partidos, inclusive nos que até agora têm dominado o país, há patriotas esclarecidos e bem intencionados. Constituindo-se no parlamento o governo, seria natural e quase inevitável que êstes homens de primeira ordem se entendessem, como já se teriam entendido para fazer a reforma constitucional, no sentido de constituir um grande e verdadeiro governo de salvação nacional. Embora dificultoso, isto seria possível com o sistema parlamentar, mas não, e nunca, com o sistema presidencial.

Aqui está como se faria esta revolução pacífica. Será utopia? Admito-o. Mas, não, porque irreais sejam os seus resultados, se posta em efeito, mas porque, para a desencadear, seria necessário um, quase milagre de decisão, clarividência e patriotismo.

Esta é a verdadeira dificuldade, mas tão grande, reconheço-o, que poderá tornar utópica a solução, que em si mesma o não é.